

A Filho Único Apresenta
SACODE POEIRA

um fim de semana de encontro, música e convívio
na SMUP - Sociedade Musical União Paredense

- **fotos de todos os músicos (créditos: Rafael de Oliveira) disponíveis pra download aqui - https://fromsmash.com/srHkd_Njwd-ct**
- **[PLAYLIST YOUTUBE](#)**

Sacode Poeira é um fim de semana de programação no campo da música promovido e organizado pela Filho Único na SMUP, na Parede, que inclui concertos, convívio com comes e bebes, uma conversa pública, projeção de um filme, lançamento de uma publicação fanzine e uma edição em cassete com música dos artistas em cartaz, gravada nos Estúdios Namouche especialmente para o efeito.

Pretende afirmar o reconhecimento de músicos com origem em países africanos de língua oficial portuguesa que residem ou estão de passagem em Portugal, e que por cá actuam com frequência em festas e encontros em salões, restaurantes, café, ruas e espaços públicos na Área Metropolitana de Lisboa.

A partir desse maná de celebração cultural, reflectir também sobre o emaranhado do nosso mundo, o caminho em comum desde o 25 de Abril, pois goste-se ou não, só existiu um mundo e todos temos direito a ele.

Sexta-feira, 9 de Maio

19h30 *Djonsaba Kanouté*

Agora radicada em Portugal, Djonsaba Kanutê vem de Bafatá, cidade a leste da Guiné-Bissau, capital da região com o mesmo nome e também berço de Amílcar Cabral.

Nasceu no seio de uma família de músicos griot – ambos os pais e a avó eram músicos – e recorda-se de existir música na sua vida praticamente desde a primeira infância, quando os pequenos trabalhos domésticos que ia fazendo eram sempre acompanhados pela voz, que rapidamente se tornou e continua a ser o seu principal instrumento.

Canta sobretudo em dialeto mandinga, o mais comum em outros países circundantes da África Ocidental, como Mali, Senegal e Gâmbia, mas também em sarakolé, bambara ou fula.

Faz-se acompanhar de músicos estabelecidos como Mbye Ebrima (natural da Gâmbia), colaborador de Moulinex e Selma Uamusse, entre outros; o seu sobrinho Aladje; e o baterista Tony, que acompanhou os Tabanka Djaz, Irmãos Verdade e Yuri da Cunha. Tony conhece Djonsaba desde jovem, quando ambos fizeram parte da família Kanutê Kunda, que acompanhava o então presidente da Guiné-Bissau, Nino Vieira, nas suas incursões diplomáticas pelo país e pelo mundo, e que acolheu e formou muitos dos mais ilustres músicos da Guiné-Bissau.

21h30 *Mindelo*

Desde os saudosos tempos dos MV4 no Bar do Rock na Cova da Moura até aos Leguelá na Barriga do Avião em Camarate, que existe um grupo de bandas de São Tomé e Príncipe que tocam para a sua comunidade todos os fins de semana. É difícil encontrar tamanha manifestação de musicalidade colectiva nos circuitos ditos mais underground da grande Lisboa, que no centro da cidade pura e simplesmente se foram extinguindo. Várias bandas são tomenses como essas acima referidas ou o

Conjunto Equador, criadas por expats da ilha do cacau, têm vindo a perpetuar o contínuo do puxa e rumba são tomenses tornados famosos pelos África Negra ou Sangazuza, quer com versões desses artistas, quer com um vasto repertório original. Os Mindelo surgem em 2025, das cinzas dessas bandas, encabeçados pelo jovem Bill Lima, uma espécie de figura onnipresente deste circuito, que conseguiu reunir vários tocadores como o recém chegado a Portugal, Pacheku, prodígio com perícia ao nível do Jimi Hendrix mas na guitarra baixo, que abrilhantou os África Negra até à banda se desmembrar em meados de 80 numa tour que fizeram em Cabo-Verde, onde viveu até se mudar para cá.

23h *Pedrinho Xalé*

Depois do período áureo do conjunto Voz de Cabo Verde, é costume louvar-se aos anos 70 a chegada incontornável d'Os Tubarões, seguida da invenção decisiva do funaná atribuída aos Bulimundo. Pedrinho Xalé emigrou da ilha de Santiago para Lisboa aos 18 anos, um ano antes da revolução. Co-fundou os Afrika Star, cujo primeiro álbum "Câ Nhôs Dam Gravata" saiu em '76, mesmo ano do marcante "Pépé Lopi" d'Os Tubarões. Tomando para si os teclados - órgãos e sintetizadores - e voz, grava o seu álbum a solo "Aleluia" nos Estúdios Valentim de Carvalho, que sai em '79 na Dó Lá Si Discos. Na década seguinte produziu mais dois álbuns: "Nhôs Dêxa De Conta Mentira" e "Nhôs No Dêxa de Estupidês", com a editora Iefe, da Rua de São Bento. Pedrinho revelou-se um compositor, orquestrador e instrumentista fulgurante, mesclando livremente música popular cabo-verdiana com tendências frescas da cultura reggae e pop anglo-saxónica. Aliando a persistência organizacional ao talento na escrita e interpretação auto-suficientes, foram anos frutíferos de concertos e engajamento comunitário. Pedrinho viveu depois cerca de 15 anos longe da atividade musical, para regressar ao estúdio em 1998. Desde então, toca em bares de Lisboa e arredores aos fins de semana. Pedrinho é um dos artistas que aparecem em duas compilações que resgatam a produção musical cabo-verdiana futurista aos ouvidos internacionais: "Synthesize The Soul (Astro-Atlantic Hypnotica From The Cape Verde Islands 1973-1988)", de 2017 pela editora norte-americana Ostinato Records, e "Space Echo – The Mystery Behind The Cosmic Sound Of Cabo Verde Finally Revealed", pela Analog Africa, do Reino Unido.

Sábado, 10 de Maio

17h30 *conversa com Alcides Nascimento, Ana José Charrua e Chalo Correia,* *moderação por Nael Nascimento*

Uma conversa sobre música por amor, trabalho sério e recompensador. Da editora Iefe ao Monte Cara, d'A Lontra à viagem do B.'Leza antigo pro actual; da Pedreira dos Húngaros e das Fontainhas, do boom turístico e os estrangeiros residentes, a transformação é contínua.

Nos dias que correm parece não haver espaço suficiente para estar em qualquer lado. "Na história do futuro, só haverá seres humanos em movimento." escreveu Achille Mbembe, inspirado por Édouard Glissant. Parece-nos inspirador continuarmos a pensar sobre uma redefinição dos parâmetros do que nos é comum nesta era global - ao humano, à vida que habita o planeta. Portanto o convite aos participantes nesta conversa interpela-as/os sobre esta ideia, voltando a Glissant, de que "cada um de nós precisa da memória do outro". Talvez haja caminho aí, se quisermos partilhar a beleza do mundo - e quando tudo o resto falha, teremos sempre essa experiência, aquele tipo de acesso fantástico à realidade misteriosa das coisas que nos estremece, sem explicação - devemos aprender a ser solidários com todos os seus sofrimentos. O caminho da relação.

Para continuar a descobrir como reparar, para regenerar a lucidez, aprender a descentrar ou refractar a perspectiva, e melhorar o caminho para um futuro por essência aberto.

19h30 *Ninho Anguené e Amigos*

Angolares é um povo (e reino que teve uma curta duração nos 1500's) formado por descendentes dos primeiros contingentes de escravos negros originários de Angola que, depois de desembarcarem em São Tomé e de se fixarem nas plantações e nos engenhos de açúcar, se refugiaram nas matas indo em busca da liberdade; tendo trazido consigo a sua própria língua.

Nascido em Setembro de 69, em São João de Angolares, zona Sul da ilha, filho desse mesmo povo, Ninho começou a cantar com 11 anos. Deu nas vistas quando uma banda do quartel o encontrou numa captação na sua terra à procura dum jovem cantor. Juntando-se aos seus colegas Zé Luís, recentemente vindo de Cuba, Nezo e Odé, criaram o Conjunto Anguené, que em dialeto quer dizer exatamente o mesmo que Angolar. Já com 35 anos de carreira, embora inicialmente tenham sido vistos com desconfiança pelo uso de um dialeto que não era o dominante, tornaram-se um nome seguro da música São Tomense. O seu estilo é muito diferente dos restantes idiomas da ilha, baseados em guitarras acústicas e voz, uma espécie de folk tropical que contempla o oceano atlântico na baía do Equador com uma cerveja na mão. O triunfante duo Calema, também eles descendentes de angolares, que cresceram assistindo aos ensaios de Anguené, fizeram em 2024 no disco "Viagem" uma parceria de composição com Ninho.

21h30 Jorge Rosa & Kambanda

Sobrinho do marcante cantor angolano Sofia Rosa, Jorge Rosa juntou-se a Chiamba, Mick Trovoada, Gildo, Nanuto e Carlos Pereira que são os Kambanda. Já amigos e colaboradores de Luanda, tiveram grupos juntos; e voltaram-se a reunir em Portugal há cerca de 2 anos "como músicos e como amigos". "Música angolana que parte da sua raiz e na sua extensão popular, o nosso chão, o nosso berço, o nosso princípio.", ao lado de outros angolanos radicados em Portugal tal como Chalo Correia ou Bonga. Têm tocado no Braço de Prata e na Moita, Odivelas e um pouco por toda a Grande Lisboa. A música que tocam é um contínuo do Semba, e a tradição tal como escrita por Teta Lando, Mário Rui Silva, e pretendem levá-la pelo mundo fora. "Concretamente KamBanda é: Kamba (amigo) em Kimbundu + Banda (conjunto, banda de música), e também Banda (angola a terra) "CRIATIVIDADE baseada em Sentimento Natural e Espontâneo. INTUIÇÃO"

23h Silvino Branca

Silvino Branca é da Cidade da Praia, Ilha de Santiago, Cabo-Verde e um dos maiores representantes do fértil panorama de kotxi pó, variação frenética e super dançante do funaná, que existe hoje na periferia lisboeta, longe dos holofotes e multidão de público. Autodidata desde os 7 anos de idade, foi aprendendo observando o seu pai, que tinha ido adolescente para São Tomé e Príncipe trabalhar nas roças e lá foi introduzido à concertina pelos portugueses. Já de volta a Cabo-Verde, foi levando o pequeno Silvino para o acompanhar em casamentos, batizados, fins-de-semana em festas populares, e na igreja. Mais tarde, depois de se mudar para Lisboa, criou uma banda com a parceira de vida Maria das Dores no ferro e Cacá no baixo elétrico, que já o acompanhava desde Cabo-Verde. Depois de editarem o seu primeiro CD, têm tocado por Holanda, Bélgica, Espanha, Luxemburgo, assim como regularmente por cafés e discotecas da grande Lisboa, na Boba, na Amadora até à margem sul.

Domingo, 11 de Maio

15h *projeção do filme "La Haine" (uma escolha de Kiluanje Liberdade)*

Trailer

17h *Bulauê Relikia*

Bulauê é um grupo cultural de música e dança São-tomense baseado em voz e tambores construídos pelos próprios intervenientes que tocam um estilo de música chamado terra terra. As actuações podem acontecer em festas ocasionais, religiosas, ou então espontaneamente acompanhado de comida e bebida e que juntam por norma muita gente (os músicos podem chegar a 20 facilmente), dando lugar a um acontecimento social de grande relevo na vida quotidiana são-tomense. Em Lisboa, depois de várias experiências deste fenómeno terem tido uma existência breve, o Bulauê Relikia surgiu como um novo grupo, que reúne tocadores desses outros que entretanto desapareceram, e neste momento é o único em existência. Comparável talvez às origens do rap, as letras do Bulauê são manifestações espontâneas que falam de aspectos do dia-a-dia e de acontecimentos do bairro, em dialeto são-tomense (Forro) sobretudo mas também em português. Cada instrumento tem o seu toque; baixa ("marca o tempo"), baixo (faz a melodia de viola baixo ou "réplica"), jaz ("bumbum"), tambor segundo (que se toca como um viola ritmo), axe (que se tocam com pau), tarola (percussão), chocalhos (vários, ao mesmo tempo, de formas diferentes), castanhola (complemento) e gaita (para acompanhar a melodia das vozes).

18h30 *Maria Alice*

Intérprete que se tornou reconhecida pela sua voz aguda e límpida, Maria Alice é uma rainha inimitável das mornas e coladeras que fazem o ambiente das noites cabo-verdianas em que começou mas que já vinham de longe, já que, filha e neta de músicos de cordas que tocavam informalmente em casa, começou a cantar muito cedo. Ainda na ilha do Sal onde nasceu, quando adolescente participou em concursos de novos talentos. Emigrou para Portugal em 1982 e, por volta de 1990, trabalhava como empregada doméstica em Lisboa. Sua patroa, que conhecia Tito Paris, achando que ela cantava bem – “porque eu passava a vida a cantar, enquanto trabalhava”, conta em *Cabo Verde & a Música – Dicionário de Personagens* –, levou Tito à casa para conhecer a jovem. A partir daí, Maria Alice começou a frequentar as noites cabo-verdianas que havia às sextas-feiras no Montecara, restaurante e discoteca de Bana. Pouco tempo depois, passou a atuar no Ritz Club, espaço incontornável da música africana (e em particular cabo-verdiana) em Lisboa no início dos anos 1990. “Mas começo a cantar mesmo a sério em 1992, numa das despedidas do Bana, que Paulino Vieira estava a organizar. Morgadinho não podia vir a Lisboa para os ensaios, era preciso uma voz feminina para um dueto que ele tinha preparado.”

Em disco, Maria Alice estreia-se a cantar em dois temas no disco “Tudo ta Volta”, de Pedro Cardoso (Pedrinho d’Nova). O infinitamente formoso “Ilha d’Sal” é o seu primeiro álbum, de 1993, produzido por Júlio Silva, selo Ovação, seguindo-se “D’zencontre”, produzido por Toy Vieira, gravado em 1996 e lançado pela Lusafrika. O disco mais recente é “Tocatina” de 2011.

Para além de Portugal e Cabo Verde, apresentou-se em concertos e festivais em muitos países europeus, nos Estados Unidos, em Moscovo com Cesária Évora, nas Expo 94 (Sevilha), Expo 98 (Lisboa) e Expo 2010 (Shanghai) e participou em Inglaterra na tournée “Women of Cape Verde”, com Lura e Nancy Vieira.

Bilhetes diários 5€ (4€ sócios SMUP) disponíveis na [BOL](#)

Poster por Denise Santos

Uma iniciativa com o apoio do Concurso "Arte pela Democracia" da Comissão Comemorativa dos [50 Anos 25 de Abril](#)

Mais informação em <https://filhounico.com>